

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO EM PRODUÇÃO EM CULTURA: DESAFIOS DO PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO

Heloisa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves
heloborges11@gmail.com, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento
Engenharia de Produção
Avenida Pasteur 458, Urca
CEP 22290-24, Rio de Janeiro – Estado do Rio de Janeiro

Resumo: *O artigo trata da proposta política pedagógica do curso de engenharia de produção em produção em cultura que abrange os contextos da indústria da cultura e da indústria criativa ambas com impactos na economia da cultura e na economia da criatividade, um novo campo de estudos e investigações no Brasil no que tange as engenharias. Apresenta o processo histórico da criação do curso de engenharia de produção em produção em cultura (2008-2009). Destaca desafios e resistências ao projeto político pedagógico enfrentados no período entre 2010 a 2017. A pesquisa documental possibilitou uma análise qualitativa do mérito e da relevância do curso da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que é pioneiro no Brasil. Os resultados alcançados apontaram que egressos em engenharia de produção possuem um novo nicho de atuação que articula engenharia, cultura, entretenimento e arte. Todavia, o estudo ressalta na conclusão um alerta quanto ao glamour do novo capitalismo tipo californiano das Start-Ups que seria não naturalizar as implicações do novo nicho para os engenheiros quanto aos direitos trabalhistas.*

Palavras-chave: *Matriz curricular; Produção em cultura; Industria do entretenimento, Criatividade*

1 INTRODUÇÃO

Todos os cursos de engenharia de produção no Brasil estão sujeitos às dimensões das avaliações externas de cursos, nas quais os projetos políticos pedagógicos (PPC) fazem parte da dimensão avaliativa 2. Sendo assim, elaborar um projeto político pedagógico para concorrer ao Edital do MEC referente ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e obter êxito com verbas federais para infraestrutura e abertura de concurso público não foi tarefa trivial. Exigiu uma inovação na educação de engenharia de produção naquela dimensão avaliativa. A tarefa foi um desafio para os integrantes da Comissão Interdepartamental responsáveis pela elaboração da proposta do projeto e implantação do curso de Engenharia de Produção em Produção em Cultura em 2010. A comissão foi designada em reunião do Conselho do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – CCET, em 12 de novembro de 2008. Surgiu para superar - ir além - dos tradicionais currículos, que contemplam especificidades da engenharia de produção, agrupadas em gestão, chão de fábrica e híbridas, nas grades dos tradicionais componentes curriculares da formação de engenheiros de produção no Brasil. O processo de elaboração do PPP/REUNI, exigiu criatividade, senso de oportunidade, lideranças imbuídas de espírito pioneiro e inovador, competência técnica e visão estratégica, a partir da reconhecida tradição e qualidade dos cursos de graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): Teatro, Música, Turismo, Museologia, Memória Social, Arquivologia, Biblioteconomia, Medicina, Nutrição, Enfermagem, Biologia, Pedagogia, Matemática.

Os cursos de Artes e Humanas foram o contexto de referência para a Comissão pensar na modalidade da engenharia de produção, porém, voltada às áreas inerentes à indústria

criativa e à indústria cultural. Vislumbraram, assim, um novo perfil de engenheiro para atuar no mercado de gestão de produtos culturais, entendidos como serviços e bens culturais, que são valorizados pelo seu significado. Cunharam futuros engenheiros com competências para atuação nos campos da Cultura, Entretenimento e Arte, além de outros campos de atuação tradicionalmente ocupados por engenheiros de produção no Brasil. Porque não seria razoável, nem justo, para com os demais estados da Federação, o estado do Rio de Janeiro, no qual se encontram universidades públicas, sendo três universidades federais e duas estaduais, que oferecem a graduação em engenharia de produção, a UNIRIO obter recursos do governo federal para mais um curso de engenharia de produção nos moldes tradicionais.

Este artigo é o resultado da metodologia pautada em revisão bibliográfica, pesquisa documental, bibliométrica e tem como objetivo responder as seguintes perguntas:

a) Qual foi o mérito e a relevância que levaram à aprovação do Projeto Político Pedagógico do curso de engenharia de produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2009), criado pelo Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, para atender ao edital do REUNI?

b) Após a implantação e implementação dos recursos destinados pelo MEC/REUNI, em 2010, quais foram os obstáculos e superações que se apresentaram e ainda se apresentam, devido a dois fatores: (1) modelos mentais enraizados dos docentes, discentes e avaliadores do INEP, cujas referências são os currículos tradicionais da educação em engenharia de produção; (2) as classificações das áreas da Associação Brasileira de Engenharia de Produção-ABEPRO (1987), que se construíram a partir da realização do primeiro Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP, que ocorreu em 1981, na Universidade Federal de São Carlos. Contudo, após duas décadas não era possível um encaixe para a nova proposta de engenharia de produção em produção em cultura, embora a partir da pesquisa bibliométrica realizada constatou-se 49 artigos submetidos nas temáticas que englobam engenharia no entretenimento, na cultura e na arte.

c) Quais foram as lições aprendidas no período de 2010 a 2017 para a realização do projeto político pedagógico em engenharia de produção em produção em cultura, um campo novo para engenharia de produção, no Brasil?

2 DESENVOLVIMENTO

Antecedentes históricos e conceituais

A Indústria Cultural nasceu da crítica do papel das formas capitalistas de produção no campo cultural à luz da apropriação da produção comercial da cultura de massa e da tradicional “arte pela arte”. Os pensadores da Escola de Frankfurt, Horkheimer e Adorno, em sua obra, *Dialética do Esclarecimento*, sinalizaram que “toda prática da indústria cultural transfere o motivo lucro desnudado nas formas culturais” (ADORNO, 1985). Knights, Morgon (1991) afirmaram que, “a dinâmica do consumo pode ser imaginada como elo final da cadeia de valor que acrescenta valor significado, mas que foi durante muito tempo **negligenciado pelos pesquisadores de gestão** (grifo nosso). Uma suposição plausível para esse fato pode ser devida (ou não) ao modelo mental (Senge, 1990), enraizado desde a Escola de Frankfurt. Há sinais de que ainda prevalece a rejeição Adorniana a tudo que possa significar produção mercantil de bens e serviços culturais; logo quicá pensar em interfaces com a engenharia de produção. Há preconceitos entre economistas e estudiosos que desqualificam estudos sobre a cultura. presentes nas ciências sociais. Contudo, a crítica fica delimitada ao reconhecimento da submissão de parte expressiva da produção cultural à lógica do mercado. Tal visão enraizada vem

impossibilitando compreender que as dinâmicas contemporâneas que atuam na direção da configuração da cultura, enquanto um recurso, podem ultrapassar a questão da transformação da cultura em mercadoria (JUDICE, 2004).

No contexto da indústria cultural cabe um destaque originário do estudo de Santos (2016) que destaca a estratégia coletiva e na importância dos movimentos culturais porque estes também têm sua relevância para a indústria cultural, pois promovem vitalidade e mantem as tradições das músicas e danças afrodescendentes, como por exemplo, as Rodas de Samba e o Jongo. O “produto” produzido não é valorizado pelo “consumidor” apenas pelos atributos inerentes à dinâmica da produção e sim pelo significado de manter as tradições centenárias, que é o vetor que gera o “consumo”. Ressaltaram Thomas Laurence, Simon Fraser, Nelson Phillips (2006), que para se estudar as indústrias culturais é preciso atentar que: não são as características das empresas, os processos de produção ou os produtos materiais, que são importantes, mas sim as práticas de consumo que envolvem e dão valor aos produtos da indústria cultural. Segundo Miguez (2006, p. 64), o campo da economia da cultura, passados 50 anos dos marcos iniciais de sua construção possui robustez e é um campo singular de estudos e pesquisas. Para esse autor a economia da cultura pode ser vista como uma ampliação do campo da economia da arte.

As raízes de localização

Em 1994, vinculada ao **contexto das políticas públicas** (grifo nosso) é cunhado o termo Indústria Criativa na Austrália, a partir do desenvolvimento pelo governo do conceito de *creative nation*, ideia-base de uma política voltada para a requalificação do papel do Estado no desenvolvimento cultural do país (MIGUES, 2006). Por isso, universidades e centro de pesquisas se interessaram por estudos nessa temática. Porém, foi na Inglaterra (1997), a partir do novo Partido Trabalhista Inglês que por meio de um manifesto pré-eleitoral identificou as indústrias criativas como um setor particular da economia e reconheceu a necessidade de políticas públicas específicas que estimulassem seu já expressivo crescimento (BRITISH COUNCIL, 2005). Miguez (2006) apresentou uma definição para a indústria criativa: São indústrias que têm origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm um potencial para geração de empregos e riquezas por meio da geração e exploração da propriedade intelectual. Isto inclui propaganda, arquitetura, o mercado das artes e antiguidades, artesanatos design, design de moda, filme e vídeo, software de lazer interativo, música, artes cênicas, publicações, software e jogos de computador, televisão e rádio (BRITISH COUNCIL 2005, p.5).

Segundo Wood et.al (2009) a indústria criativa é um fenômeno econômico com importância irrefutável, que se diferencia pela sua ênfase na dimensão simbólica, pelos imperativos da originalidade e da criatividade. Sua delimitação compreende atividades produtivas nos campos do teatro, cinema, publicidade, arquitetura, mercado das artes e de antiguidades, artesanato, moda, softwares interativos para lazer, música, indústria editorial, rádio, TV, museu, galerias, e atividades vinculadas às tradições culturais. Em 2007, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO difundiu que o setor cultural apresentava potencial econômico porque gerava índices de empregos, em países desenvolvidos, maiores do que os índices das indústrias da mineração e automotiva. Enquanto que em países subdesenvolvidos o crescimento era menos evidente. No entanto, cresceu a demanda por bens culturais e por produtos culturais de natureza híbrida, fruto da combinação entre produtos culturais de países em desenvolvimento e de países desenvolvidos (DIAS, SOUZA, MATTA, 2009). A partir da constatação daqueles autores, caberia aqui uma reflexão para novos estudos. Qual seja: considerando que o Brasil é um país em desenvolvimento até que ponto suas manifestações

culturais, se vinculadas às políticas públicas de Estado, se transformariam num potencial econômico sendo também um campo de atuação para engenheiros?

2.1 Projeto Político Pedagógico do curso de engenharia de produção da Unirio

É um projeto de graduação com transdisciplinaridade, em se tratando de curso de graduação de engenharia, porque imbricou a engenharia de produção com a produção em cultura, entretenimento e arte. No Brasil é uma novidade porque instituições públicas de ensino superior em engenharia, em nível de graduação, quando oferecem disciplinas que abordam àquelas temáticas são ações pontuais. A proposta curricular (ver em <http://www.unirio.br/prograd/ppc>) provocou desafios seja para docentes seja para discentes, devido a necessidade da superação do modelo mental tradicional da formação de engenharia, e exigiu a articulação das clássicas ferramentas da engenharia de produção em contextos estranhos aos engenheiros de produção, que são tradicionalmente preparados para atuarem em gestão na indústria, bancos, setor de petróleo e gás, no setor de telefonia e na prestação de serviço.

Cabe ressaltar um estranhamento que se deixa aqui para outros estudos: embora a matriz curricular seja inovadora e pioneira ainda traz em si a mesma lógica dos cursos tradicionais de engenharia, pois as ciências básicas se encontram nos primeiros períodos, devido as diretrizes curriculares do MEC - **RESOLUÇÃO CNE/CES 11, DE 11 DE MARÇO DE 2002**.

Indaga-se: E se fosse possível inverter a ordem de apresentação das disciplinas básicas incluindo nos primeiros períodos disciplinas que não exigem pré-requisitos vinculados aos cálculos e métodos quantitativos? Embora, se saibam, por um lado, que o ciclo básico é comum a todos os cursos de engenharia, uma desperiodização poderia trazer reflexos no perfil do egresso. Por outro lado, poderia reduzir os recorrentes abandonos dos cursos de engenharia devido ao ciclo básico. Pergunta-se: Ou será que não? Até que ponto seria ilegítimo afirmar que o curso deixaria de ser um curso de engenharia, mesmo que tal alteração mantivesse os percentuais dos ciclos básicos e profissional? Uma resposta pertinente seria desconsiderar o estranhamento e referendar a ilegitimidade, devido às diretrizes curriculares?

2.2. Entendendo as resistências à proposta curricular original

As questões históricas de resistências vêm desde a Escola de Frankfurt quanto criticou a mercantilização da cultura. Além do desinteresse no Brasil por estudos no campo da indústria criativa e cultural no âmbito das engenharias é possível compreender as primeiras rejeições à matriz curricular. Tanto de discentes e docentes, quanto de avaliadores do INEP, que alegaram que “havia pouco de engenharia”. Cabe pontuar as seguintes vozes que expressaram as primeiras resistências ao novo nicho de atuação para engenheiros: não li o edital do MEC logo não sabia que o curso tinha ênfase em cultura, se soubesse não teria feito (discente); esse curso não é de engenharia imagine só estudar disciplina de cultura brasileira, melhor seria mudar o PPP para um curso de graduação de engenharia de produção em logística (discente); meu filho não irá ficar nessa universidade porque teatro não é para homens e música e cultura não são conhecimentos que deveriam ser de interesse da engenharia (familiar de discente); não há onde encaixar trabalhos de TCC nesta ênfase porque não há área na ABEPRO (docente); não sou a favor dessa ênfase em produção em cultura e esse projeto político pedagógico é ruim porque foi feito por quem não sabe nada sobre engenharia de produção (docente); não sou engenheiro de produção e não sei como articular a disciplina que ministro com as ferramentas da engenharia de produção com ênfase em cultura (docente); só acredito nessa ênfase quando os egressos tiverem onde

trabalhar com a ênfase em produção em cultura (docente); a grade tem pouco de engenharia seria recomendado inserir mais conteúdo da área de qualidade (avaliador do INEP).

2.3 Trabalhos de Finais de curso que venceram as barreiras iniciais

Os primeiros TCCs não contemplaram a ênfase do curso devido às resistências iniciais. Foram 42 TCCs defendidos a partir de 2014.1 sendo que 9(nove) na ênfase. Neste artigo apresenta-se os resumos de 2018.1 e os títulos e palavras-chaves dos TCCs de 2017 a 2016.

| |
|--|
| <p>ALUNA: MARIANA DE PAULA SANTOS -2018.1 TÍTULO: A GESTÃO DA REDE CARIOCA DE RODAS DE SAMBA: O DESAFIO DO GERENCIAMENTO EM REDE RESUMO Este trabalho tem como objetivo descrever o gerenciamento da Rede Carioca de Rodas de Samba e identificar os desafios vividos na sua gestão coletiva. O estudo será baseado em conceitos de gestão e suas diferentes vertentes, aplicando tal conhecimento científico no gerenciamento da Rede. Através de 10 entrevistas realizadas envolvendo os coordenadores de Articulação, de Administração, de Pesquisa, de Comunicação e 3 representantes das rodas de samba integrantes da Rede Carioca de Rodas de Samba do Rio de Janeiro, serão percebidos aspectos como hierarquia horizontal, comunicação por parte informal, entre outros que acabam deixando lacunas em sua gestão, revelando o quão difícil é a gestão coletiva. Palavras-chave: Gestão coletiva, Roda de samba, Gerenciamento em rede</p> |
| <p>ALUNO: GABRIEL CATRAMBY AGUIAR –2018.1 TÍTULO: AS ARTES CÊNICAS E OS INDICADORES CULTURAIS BRASILEIROS: UMA LEITURA CRÍTICA RESUMO Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise dos indicadores culturais publicados oficialmente por instituições brasileiras, trazendo de forma pioneira uma leitura sob a ótica das artes cênicas e do espetáculo. Através do entendimento da metodologia dos indicadores culturais e da parametrização dos dados e variáveis publicados em três relatórios pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Cultura (MinC) foi possível compreender com minúcia os relatórios oficiais em busca de uma estratificação e da análise dos resultados. Além disso, baseando-se em pesquisa científica e publicações, percebeu-se que, apesar das peculiaridades antropológicas da arte, os indicadores culturais são necessários pois possibilitam uma análise sutil e detalhada do “estado econômico da arte” e suas mais variadas esferas. Por fim, constata-se que os indicadores culturais são primordiais para as tomadas de decisão por parte do Governo, auxiliando no desenvolvimento de políticas públicas. Palavras-chave: Indicadores culturais, Arte cênica, IBGE, Ministério da Cultura, Gestão da informação, Políticas públicas</p> |
| <p>ALUNA: RACHEL GOULART BERTO – 2017.2 TÍTULO: A CADEIA PRODUTIVA DO MANGÁ Palavras-chave: Histórias em quadrinhos, Mangá, Indústria criativa, Cadeia produtiva.</p> |
| <p>ALUNO: Vinícius Trugilho – 2017.2 TÍTULO: ENGENHARIA E ARTE: O LEGADO DA BAUHAUS Palavras-chave: Engenharia de produção, Design, Arte moderna, UNIRIO, Bauhaus.</p> |

| |
|--|
| <p>ALUNA: LETÍCIA SIMÕES DE ANDRADE – 2017.2 TÍTULO: ARENA CARIOCA DICRÓ: UM ESTUDO DO PROCESSO DA OFERTA DE ESPETÁCULOS AO VIVO – TEATRO, MÚSICA E DANÇA – 2016 Palavras-chave: Equipamento cultural; Economia da cultura; Gestão de processos.</p> |
| <p>ALUNA: THAIANE DIIRR PINTO DE MEDEIROS – 2017.1 TÍTULO: ESTUDO DE VIABILIDADE TÉCNICO-ECONÔMICA DE UMA INSTITUIÇÃO TEATRAL: O CASO DA SEDE DA CIAS RESUMO Palavras-chave: Gestão empresarial, Gestão do teatro, Economia do teatro, Modelos de negócio, Sede das Cias</p> |
| <p>ALUNO: VITOR FIGUEIREDO DA SILVA – 2016.2 TÍTULO: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DA LEI DE BAUMOL NO TEATRO BRASILEIRO Palavras-chave: Doença dos custos de Baumol, Teatro brasileiro, Artes cênicas, Economia da cultura</p> |
| <p>ALUNO: BRAYAN LUQUE DE LIMA – 2016.2 TÍTULO: O EMPREGO FORMAL NAS ARTES CÊNICAS Palavras-chave: Emprego formal, Artes cênicas, Economia da cultura, Engenharia de produção cultural</p> |

3 RESULTADOS DA PESQUISA DOCUMENTAL

Os trabalhos de final de curso a partir de 2016.2 apresentaram evidências de que quando o novo surge na academia ou fora dela, a princípio, mesmo causando estranhezas, desconfianças e resistências, que geram controvérsias, com o passar do tempo, o que parecia impossível, que seria imbricar temáticas de produção em cultura com o domínio de conhecimentos da engenharia de produção deixou de ser uma opinião para ser um fato. Sendo assim, produção em cultura, entretenimento e arte pode ser sim objeto de estudo, trabalho e renda para engenheiros de produção e outros engenheiros.

A partir da análise e compreensão das resistências ao PPP foi empreendida uma ação proativa entre docentes de universidades públicas: UNIRIO, UFRJ/CEFET, IFSP/Unicamp para submissão no Encep-Encontro de coordenadores de Engenharia de Produção, de um arrazoado elaborado por oito signatários para aprovação de uma nova subárea que contemplasse a produção em cultura, entretenimento e arte e que foi aprovada em Assembleia Geral Ordinária da ABEPRO, em 13/10/2017, em Joinville, Santa Catarina, durante o XXXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção - ENEGEP 2017 e no XXII ENCEP (Juazeiro/Bahia), em 07/06/2017. Neste artigo, destaca-se cinco argumentos centrais identificados na pesquisa documental no referido arrazoado:

1. A existência da lacuna identificada, desde 2003, nas áreas da Engenharia de Produção, que especificamente abrangesse estudos nas áreas da indústria de cultura, do entretenimento, das artes e da criatividade. Todavia, cabe lembrar que: desde 2003 há estudos de mestrado e doutorado na temática do entretenimento, desenvolvidos por pesquisadores da UFRJ/COPPE que se debruçaram em problematizar um novo campo que relacionava criatividade e engenharia, mas também, encontraram resistências. O campo, hoje se expande em teses, dissertações, TCCs, no âmbito nacional e internacional.

2. Ao longo do século XXI criaram-se técnicas e ferramentas que agregam soluções para problemas de qualidade, segurança, higiene, defesa da natureza, hospitais, agricultura, bem como é notório o crescimento da produção de serviços. Ou seja, vem surgindo demandas cada vez mais diversas para a engenharia de produção. Exemplos são as atividades das indústrias criativas, das atividades da cultura e das artes, dos estudos na área da saúde e as inovações da indústria 4.0, em todo Território Nacional.

3. O contexto da cultura, arte, entretenimento poderia ser até um assunto de Defesa Nacional por estar ligado às especificidades regionais do Brasil.

4. A indústria do entretenimento hoje é muito poderosa. De acordo com dados recentes do SEBRAE o mercado de entretenimento atingiu US\$71 bilhões em receitas no Brasil em 2017.

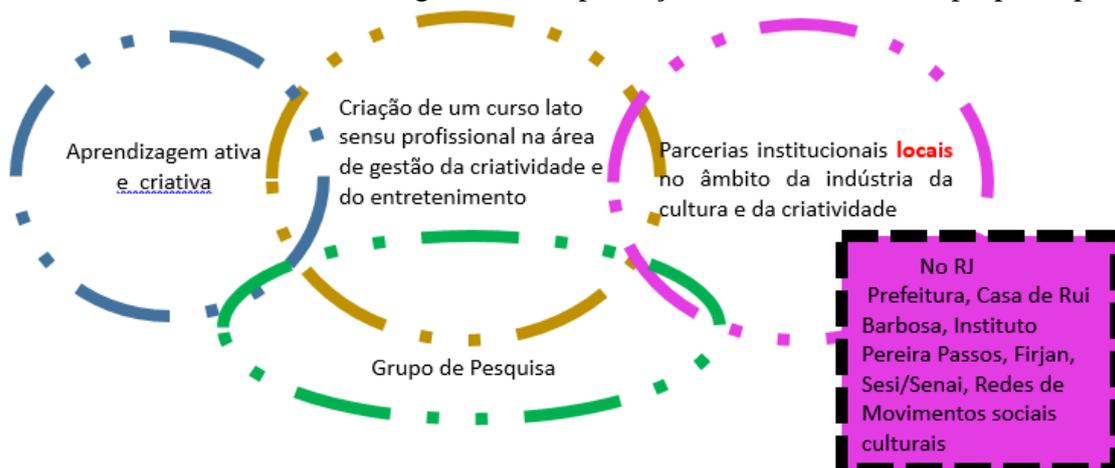
5. Os problemas de engenharia do entretenimento e da indústria cultural são reais, mas ainda são ridicularizados por muitas universidades e tratados como um assunto isolado, principalmente, por ser muito "distante" dos campos de engenharia clássica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido PPP passou pela primeira reforma curricular aprovada no Conselho de Ensino e Pesquisa - Consepe em dezembro de 2017.2. O recorte teórico que foi apresentado no desenvolvimento deste artigo contribui para uma compreensão do porquê dos idealizadores do curso terem sido ousados, porém, ao final do estudo sobre o fenômeno ex-post-fato, há pistas de que havia um risco que pode ter sido naturalizado no início da formatação do curso: uma tendência da condição humana que é se manter na zona de conforto e não exercer o desapego às estruturas arcaicas, que podem impossibilitar mudanças transformadoras e não adaptativa ao *status quo*. O que explicaria, ainda, as ciências básicas nos primeiros períodos da matriz curricular do PPP do curso de engenharia de produção da UNIRIO.

Considerando o mérito e a relevância dos estudos desenvolvidos na ênfase do curso e que contribuem para estimular novos trabalhos na temática engenharia, cultura, entretenimento, arte; cabe apresentar 3(três) lições aprendidas, ainda, no campo exploratório, isto é, irão requerer a inclusão em agendas de futuras pesquisa e estudos. Quais sejam: a) incluir os movimentos sociais culturais que se debruçam na preservação das tradições culturais como apontou o estudo de Santos (2018); b) aprofundar as evidências dos estudos que foram apresentados na sessão dirigida “Ciências Básicas e Matemática”(Cobenge 2017), que abordou causas e efeitos das recorrentes reprovações no ciclo básico das engenharias, e que sinalizaram ser necessário e urgente rever a apresentação das ciências básicas nos primeiros períodos dos cursos de graduação em engenharia de produção; c) rodar empiricamente o Quadro Conceitual (Figura 2) até porque a nova subárea Gestão da Criatividade e do Entretenimento não andar^á sozinha.

Figura 2: Quadro conceitual de desenvolvimento da nova subárea Gestão da Criatividade e do Entretenimento, no curso de engenharia de produção da UNIRIO: uma proposta preliminar.



Fonte: autoria própria

Por fim, um sinal de alerta amarelo no âmbito da pesquisa: **não naturalizar as implicações do novo nicho para os engenheiros de produção quanto aos direitos trabalhistas**. Há evidências de que as atividades, na verdade, na indústria do entretenimento e da cultura podem ser válidas em países desenvolvidos como os EUA, em geral, e em Austin, em especial. Porque trata-se da chamada nova economia, o mundo dot.com, o reino das Start-Ups, considerado como o novo capitalismo tipo californiano. Deixa-se claro, que não estava no escopo deste artigo aprofundar as evidências apontadas acima, contudo, os interessados poderão consultar a obra de Domicino de Masi e o conceito de ócio criativo, Manuel Castells e o conceito de sociedade em rede, Harvey e a condição pós-moderna, Myke Davis e seu estudo sobre a cidade de Los Angeles, a obra está em inglês e se intitula City of Quartz.

Cabe ressaltar que o referido movimento de crescimento de Austin baseado na nova economia californiana é mais recente do que ocorreu em Los Angeles, no Vale do Silício e em toda Califórnia. Porém, em se tratando do Brasil e outros países em desenvolvimento nem sempre aquele "admirável mundo novo" da nova economia californiana é o que se possa imaginar. Por isso, fez-se o alerta amarelo porque a nova dinâmica pode implicar, também, no emprego precário, no modelo Amazon de trabalho e na completa falta de direitos sociais. Austin, por exemplo, respira esta nova economia criativa e, de fato, ela pode ser ao mesmo tempo fascinante, mas individualista e triste. Sendo assim, haveria como os aplicadores dos modos de produção da engenharia de produção pensarem num novo modelo de economia com valores sociais e políticos associados para reduzir as precariedades no âmbito das relações de trabalho acima apontadas? Para tanto, trabalhar em pesquisa será preciso.

Agradecimentos

Aos signatários do arrazoado que gestaram a nova área subárea na ABEPRO - Gestão da Criatividade e do Entretenimento: Prof^ª. Dr^ª Heloisa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves (UNIRIO/DEP); Prof. Dr Luiz Antonio Meirelles (UFRJ/DEI); Prof. Dr Julio Cesar Ferreira Ribeiro (CEFET/MEC); Prof. Dr. Francisco Giocondo (IFSP/UNICAMP); Prof. Dr. Edison Renato (UFRJ/DEI); MSc. Gabriel Barradas (UFRJ)/Prof. Dr Vinicius Cardoso (UFRJ/DEI); Prof. Dr Mario Vidal (COPPE/UFRJ); Prof. Dr. Annibal.Scavarda (UNIRIO/DEP).

Referências

- ADORNO, T, W, HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.
- AGUIAR, Gabriel Catramby. As artes cênicas e os indicadores culturais brasileiros: uma leitura crítica. Trabalho de Final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2018.
- ANDRADE, Letícia Simões. A arena carioca Dicró. Um estudo do processo da oferta de espetáculos ao vivo- teatro, música e dança. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
- BERTO, Rachel Goulart. A cadeia produtiva do Mangá. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
- BRITISH COUNCIL, Mapping the creative industries: The UK contexto, London, 2005.
- JUDICE, G.A. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte. UFMG, 2004.
- LIMA, Brayan Luque de. O emprego formal nas artes Cênicas. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- LYRIO, Marina Camargo. O gerenciamento de projetos e a gestão teatral: desvios e convergências. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
- GONÇALVES, H.H.A.B et.al. Engenharia da Cultura, Entretenimento, Arte. Documento arrazoado consubstanciado para submissão da nova subárea à Abepro. Documento não publicado elaborado em 05 de maio de 2017.

MEDEIROS, Thaianne Diirr Pinto. Um estudo de viabilidade técnico econômico de uma instituição teatral: o caso das Cias. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: MUSSBAUMER, G.M.(org). Teoria e políticas da cultura; visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA. 2007.

MEIRELLES, L.A, HEI.M.A. (org). 30 anos da Abepro: Depoimentos. Rio de Janeiro: Editora Autografia,2016.

SANTOS, Mariana de Paula Santos. A gestão da rede carioca de rodas de samba: o desafio do gerenciamento em rede. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

SENGE. P. A Quinta Disciplina. Editora Best Seller: São Paulo, 1990

SILVA, Vitor Figueiredo da. Evidências empíricas da lei Baumol no teatro brasileiro. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

TRUGILHO. Vinícius. Engenharia e arte: o legado da Bauhaus. Projeto de final de curso não publicado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Projeto Político Pedagógico do curso de engenharia de produção em produção em cultura, 2009.

WOOD. Thomaz Jr, et, al. Indústrias Criativas no Brasil. São Paulo: Atlas. 2009.

PRODUCTION ENGINEERING IN CULTURE PRODUCTION: CHALLENGES OF THE PEDAGOGICAL POLITICAL PROJECT

Abstract

The article deals with the pedagogical policy proposal of the course of production engineering in culture production that covers the contexts of the culture industry and the creative industry both with impacts on the culture economy and the economy of creativity, a new field of studies and investigations in Brazil with regard to engineering. It presents the historical process of the creation of the course of engineering of production in production in culture (2008-2009). It highlights challenges and resistance to the pedagogical political project faced in the period between 2010 and 2017. The documentary research made possible a qualitative analysis of the merit and relevance of the course of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO), which is a pioneer in Brazil. The results showed that graduates in production engineering have a new niche that articulates engineering, culture, entertainment and art. However, the study underscores an early warning of the glamor of the new Californian Start-Ups capitalism that would not naturalize the implications of the new niche for engineers on labor rights.

Key-word: Curricular matrix; Production in culture; Entertainment industry